

PROPOSTA DE PLANO DE RECUPERAÇÃO DA TEICULTURA DO VALE DO RIBEIRA¹

Celso Luis Rodrigues Vegro²
Paul Frans Bemelmans²

1 - INTRODUÇÃO

Em âmbito brasileiro a cultura do chá da Índia (*Thea sinensis*) concentra-se na região do Vale do Ribeira paulista, sobretudo nos municípios de Registro e Pariquera-Açú.

Cerca de 95% da produção paulista de chá preto é destinada aos mercados externos, sendo produto utilizado na composição de ligas de grandes firmas como a Lipton/Pepsi-Cola e Nestlé/Coca-Cola. Em 1995, o setor de chá preto foi responsável pela geração de receitas cambiais ao País da ordem de US\$6,7 milhões. Em contra partida, o mercado interno é insignificante na composição da renda do setor.

O processamento das folhas de chá verde é efetuado por seis firmas situadas na mesma região de cultivo da planta. Classificadas como pequenas e médias empresas, seu faturamento médio alcança US\$1,15 milhão ao ano.

O cultivo da planta do chá preto cobre área de 2.329 hectares na região, mobilizando cerca de 260 pequenos e médios produtores. Somando os empregos gerados pelos fornecedores e pela produção verticalizada tem-se cerca de 728 empregos diretos. Estima-se que outros 1.500 empregos sejam gerados de forma indireta pela atividade.

A produção paulista de chá preto alcançou 11,28 mil toneladas de produto em 1985. Transcorrido dez anos, a produção atual de chá preto representa apenas 35% do observado em 1985. Essa restrição de oferta aponta em parte as dificuldades pelas quais atravessa o setor.

A dependência dos mercados externos

do chá impede que o segmento paulista possa comandar reversão do quadro de baixos preços praticados. Por outro lado, a concorrência com países asiáticos e africanos, dadas as práticas de relações de trabalho atrasadas, permite oferta por parte dos países produtores situados nessas regiões de chá preto a baixíssimos custos, o que provoca *dumping* entre os consumidores externos sobre o produto paulista.

Face aos baixos preços recebidos, grande parte dos produtores passaram a relegar ao um segundo plano as exigências culturais do chazal, prejudicando ainda mais a produtividade e a qualidade do produto em folha verde. Assim, os produtores vivenciam situação perversa em que se acumulam perdas em todas as etapas da produção até a comercialização.

O declínio da produção, aliado à perda de qualidade, induz entre os consumidores, substituição da parcela brasileira nos *blends* por produto concorrente, acentuando a crise no setor. O processo de integração regional promovido pela criação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) também tem repercutido sobre a produção brasileira, à medida que a Argentina oferta produto de qualidade inferior e subsidiada pressionando preços recebidos pelos exportadores brasileiros.

2 - DEFASAGEM ENTRE CUSTOS DE PRODUÇÃO E PREÇOS RECEBIDOS

O mercado internacional de chá preto tem apresentado tendência declinante para as cotações. Em 1984, as exportações totais somaram 1.080.192 toneladas, correspondendo a valor de US\$2,86 bilhões. Isso equivale dizer que cada quilograma de chá foi comercializado por preço médio de US\$2,65 (Tabela 1). Cotejando essa informação com os preços recebidos pelos exportadores no Brasil, percebe-se a margem de comercialização média do produto incorporada pelos importadores.

¹Trabalho elaborado visando subsidiar a montagem de programa de recuperação da atividade do chá preto na Região do Vale do Ribeira paulista. Os autores agradecem os comentários de Roberto Okamoto da Associação Paulista do Chá Preto.

²Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Preços Médios das Exportações de Chá Preto, Total Mundial e Brasil, 1984-94

(em US\$/kg)			
Ano	Total	Brasil ¹	Margem bruta
1984	2,65	2,31	0,34
1985	2,18	1,62	0,56
1986	1,87	0,94	0,93
1987	1,90	0,95	0,95
1988	1,90	1,10	0,80
1989	2,03	1,11	0,92
1990	2,26	1,17	1,09
1991	2,05	1,14	0,91
1992	2,03	1,03	1,00
1993	1,93	1,11	0,82

¹ Valores FOB.

Fonte: FAO/AGROSTAT (1984-95) e DECEX (1984-95).

Após 1986, a margem bruta se eleva substancialmente passando para patamar próximo a US\$1,00 por quilograma de produto. Essa evidência aponta para desmerecimento, por parte do importador, do produto brasileiro frente à média de preços praticados para o conjunto dos países produtores.

Em 1994, os preços recebidos pelos exportadores foi de US\$1,04/kg caindo para US\$1,01/kg. Portanto, no período recente, mantém-se o cenário de diminuição dos preços médios recebidos pelos exportadores. A sobrevalorização cambial do real acentuou ainda mais o achatamento dos preços recebidos inviabilizando a atividade em alguns casos.

Os produtores entregam para os processadores (que também são exportadores) a folha verde de chá (ponteiros). O produto então passa por murchamento, moagem e enrolamento, fermentação, secagem e beneficiamento controlados onde alcança paladar e aroma específico da bebida. Assim, o preço recebido pelos produtores corresponde a ponderação feita com base na classificação da folha verde estipulada por normas da Secretaria, que, na safra 1994/95, foi de 5,27kg de folha verde para 1kg de folha seca.

Se se considerar perdas em torno de 20% (caule e defeitos) e os demais custos da atividade, percebe-se que os processadores encontram-se no limite de remuneração aos produtores pela folha verde. Assim, a crise no setor se acentua em 1996, quando os produtores passa-

ram a receber entre R\$6 centavos para o produto inferior a R\$9 centavos para o produto de melhor qualidade.

Os custos de produção do chá foram estimados em levantamento junto a produtores do Vale do Ribeira paulista. Contabilizando-se os custos operacionais da atividade, tem-se a necessidade de R\$1.364,92 por hectare. Tal investimento permite colheita de aproximadamente 11,2 toneladas de folha verde de chá (Tabela 2).

Tomando-se preço médio recebido pelos produtores de R\$7,50 por quilograma, e a produção de folha verde considerada, alcança-se renda bruta de R\$840,00/ha, apontando prejuízo de R\$524,92/ha.

Os itens de custos mostram a vocação da cultura do chá para o Vale do Ribeira, pois é mínima a utilização de pesticidas, constituindo-se em cultivo adaptado aos condicionantes ambientais vigentes na região. Devido à completa cobertura do solo, as perdas por erosão também são nulas não assoreando os abundantes cursos de água locais.

Porém, o prejuízo com o qual vem arcando os produtores tem induzido ao abandono de substancial área de chazais na região do Vale do Ribeira. Estimativas de técnicos dessa região apontam para abandono superior a 3.000 ha de chazais, o que contribui para a diminuição da produção brasileira de chá.

Devido às dimensões da área da cultura que se encontra abandonada, estimaram-

TABELA 2 - Estimativa de Custo Operacional e Exigência Física de Fatores de Produção da Cultura do Chá, Registro, Estado de São Paulo, 1996/97

(Produção 11.200kg/ha)

Item	Mão-de-obra comum	Tratorista	Poda-deira	Pulver-costal	Colhe-deira	Trator 62 HP	Carreta	Total (R\$)
(Dia de serviço)								
A - Operação								
Calagem	0,83	-	-	-	-	-	-	-
Aduação cobertura (3x)	5,47	-	-	-	-	-	-	-
Carpa manual (4x)	33,00	-	-	-	-	-	-	-
Carpa química (2x)	2,60	-	-	2,60	-	-	-	-
Poda anual (2x)	6,00	-	1,50	-	-	-	-	-
Colheita mecânica (20x)	30,00	-	-	-	20,60	-	-	-
Limpeza do carreador (2x)	-	0,20	-	-	-	0,20	-	-
Transp.interno insumos	1,55	1,55	-	-	-	1,55	1,55	-
Transp. produção (FOB roça)	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de dias	78,45	1,75	1,50	2,60	20,60	1,75	1,55	
Custo diário (R\$)	8,00	12,00	3,28	6,00	3,28	56,96	3,20	
Despesas com operações	627,60	21,00	4,92	15,60	67,57	99,68	4,96	841,33
B - Material consumido								
	Quantidade	Preço	Valor (R\$)					
Calcário	1,310t	30,00	39,30					
Adubo 12-04-08	1,330t	190,00	252,70					
Sulfato de amônio em cobertura	0,400t	190,00	76,00					
Herbicida	3,000l	9,40	28,20					
Sacaria de polietileno	20u./2	0,70	7,00					
Despesa com material								403,20
Custo operacional efetivo (A+B)								1.244,53
Depreciação de máquinas utilizadas								20,83
Juros bancários - custeio 16%								99,56
Depreciação do chazal								-
Custo operacional total por hectare								1.364,92

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

se em R\$1.313,29 os custos médios de recuperação de 1 hectare de chazal (Tabela 3).

A recuperação dos chazais abandonados demandaria créditos especiais e empenho na melhoria das atividades de colheita e pós-colheita visando obter produto com qualidade superior (alcançando patamar mais elevado de preços).

Esse progressivo esgotamento da atividade em âmbito paulista ocorre em sentido inverso da tendência mundial que é a de aumento do consumo de chá. Tal fenômeno, patrocinado pelas grandes transnacionais do segmento de bebidas (Coca-Cola, Pepsi-Cola, Lipton, Nestlé, Parmalat e outras), é resultado da demanda dos consumidores por produtos naturais. Somente no

Brasil, o mercado de chá pronto (natural e com suco de frutas) cresceu mais de 120% em 1995.

3 - NECESSIDADE DA INTERVENÇÃO GOVERNAMENTAL

Face ao cenário de crise no qual se encontra o setor de chá preto paulista, recomenda-se a adoção imediata de política orientada para reversão dessa tendência.

Nesse sentido, a mobilização de recursos dos Fundos de Desenvolvimento da Agropecuária e Pesca (FEAP) e outros fundos de desenvolvimento, coordenados pela Secretaria do Planejamento, é decisão estratégica e reco-

TABELA 3 - Estimativa de Custo de Recuperação de Chazal, 1 Hectare, Registro, Estado de São Paulo, 1996

Item	Mão-de-obra		Trator	Pulver. costal	Poda-deira	Podad. later.	Carreta	Roça-deira	Total (R\$)
	Comum	Tratorista							
(Dia de serviço)									
A - Operação									
Roçada manual (empreita)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Poda (2x)	14,50	-	-	-	3,00	-	-	-	-
Poda lateral	3,00	-	-	-	-	1,00	-	-	-
Carpa química	1,50	-	-	1,50	-	-	-	-	-
Calagem (2x)	1,66	-	-	-	-	-	-	-	-
Adubação (3x)	5,47	-	-	-	-	-	-	-	-
Carpa manual (4x)	40,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Adubação cobertura	1,82	-	-	-	-	-	-	-	-
Limpeza carreador	-	1,00	1,00	-	-	-	-	-	1,00
Transp. Interno insumos	1,55	1,55	1,55	-	-	-	1,55	-	-
Total de dias	69,50	2,55	2,55	1,50	3,00	1,00	1,55	1,00	
Custo diário (R\$)	8,00	12,00	56,96	6,00	3,28	5,28	3,20	6,16	
Despesa com operações	556,00	30,60	145,25	9,00	9,84	5,28	4,96	6,16	767,09
Roçada com foice por empreita (8 dias a 15,00)									120,00
B - Material consumido									
	Quantidade	Preço	Valor total (R\$)						
Herbicida	3l	9,40	25,20						
Calcário	2,6t	30,00	78,00						
Adubo 12-04-08	1,3t	190,00	247,00						
Sulfato de amônio	0,4t	190,00	76,00						
Despesa com material									426,20
Custo operacional efetivo por hectare									1.313,29

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

mendada do ponto de vista do desenvolvimento (regional e sustentável) da defesa do emprego e da renda. As prioridades devem ser a recuperação dos chazais abandonados e o custeio das culturas ainda conduzidas.

Atenção especial deve-se dirigir às condições de pagamento desses recursos. O grau de descapitalização dos produtores atinge níveis elevados, impedindo-os de continuar mobilizando recursos de investimento e custeio da atividade. Assim, caso decida-se pelo apoio governamental ao setor, a oferta de crédito deveria se pautar por condições atraentes (rebate nas taxas de juros e prazos de carência compatíveis), caso contrário corre-se o risco de se formular proposta para qual não há interessados.

Do ponto de vista dos atores dessa cadeia, o melhor mecanismo de estímulo da atividade seria a garantia de preços. Além de

simplificar sobremaneira o gerenciamento, os recursos teriam destino ao chazal, pois o teicultor receberia diferencial monetário sobre o quilograma entregue ao processador.

Do ponto de vista dos autores, o crédito convencional deveria ser evitado devido não apenas às dificuldades de fiscalização como ainda à concorrência com a cultura da banana, para onde poderiam ser desviados os recursos emprestados para o chá.

A proposição de garantia de preços possui conteúdo inovativo nas formas de repasse dos recursos, cabendo aos tomadores de decisão governamental o detalhamento da viabilidade de execução.

Frustraram-se, até hoje, as ações governamentais orientadas para a superação do atraso da Região do Vale do Ribeira paulista, devido à adoção de orientação equivocada dos planejadores. Buscaram-se alternativas para a

agropecuária, abandonando-se aquelas culturas que mostram vocação para condução no contexto regional. Esse dado demonstra que o apoio ao chá preto e demais cultivos tradicionais pode-se constituir na melhor alternativa para que a região reencontre trajetória de desenvolvimento.

4 - ESTIMATIVA DOS BENEFÍCIOS

Como o chá preto é destinado majoritariamente para o exterior, pode-se expressar os benefícios resultantes do apoio a atividade em termos de tonelada exportada.

Cada tonelada de chá exportado permite geração de 0,4 emprego. Na recuperação da teicultura, caso sejam implementadas medidas de apoio, seria possível alcançar exportações superiores a 10.000 toneladas ao ano, ou seja, incremento de 3.370 toneladas, uma vez que foram exportadas na safra 1994/95 apenas 6.630 toneladas. Assim, estimam-se em 1.270 empregos gerados a partir da dinamização da cultura. Considerando o quadro atual de depressão econômica ao qual encontra-se submetida a região, o número de empregos criados não é desprezível.

O resultado cambial dessa quantidade exportada superaria US\$10 milhões. Como a teicultura é concentrada na Região do Vale do Ribeira, esses recursos teriam importantes efeitos multiplicadores sobre o comércio e a indústria locais.

A elevação da arrecadação de impostos não seria significativa, pois o chá é isento de tributos na exportação. A parcela destinada para mercado interno gira em torno de 6,5% da produção total, incidindo sobre essa parte 18% relativo ao ICMS (valor bruto de R\$91 mil). Em âmbito municipal, a diminuição da massa desempregada alivia a pressão sobre os serviços sociais, permitindo ação sobre demais demandas municipais.

Com a retomada da teicultura no Vale, abrem-se oportunidades de industrialização explorando-se o dinamismo da indústria de bebidas. Atualmente, tais empresas importam essência de chá dos países desenvolvidos. A introdução de unidade solubilizadora de chá traria diversos benefícios como: substituição de importações; criação de empregos; garantia de insumo básico para sustentação da expansão observada no mercado de bebidas prontas; melhoria do preço recebido pelos produtores e

processadores com diminuição da dependência externa do produto.

Recuperar o setor torna-se elemento básico para início de trajetória virtuosa de desenvolvimento no Vale do Ribeira. A médio prazo, o estabelecimento de rota de crescimento diminui a dependência do Governo Estadual.

5 - CONCLUSÕES

Consiste em esboço preliminar este plano de recuperação da teicultura no Vale do Ribeira paulista. Essa primeira abordagem precisa ser detalhada visando concreta ação governamental.

Por se tratar de região deprimida economicamente, e face aos condicionantes ambientais restritivos, o chá preto apresenta-se como alternativa para a retomada do desenvolvimento visando a superação das atuais dificuldades. A recuperação do cultivo do chá preto no Vale do Ribeira paulista também representa importante impulso na geração de renda e emprego na região.

A sugestão de subsídio via preços não representa valor substancial face às atuais disponibilidades dos atuais Fundos públicos para apoio da agricultura e do desenvolvimento regional. Crê-se que os aspectos listados nessa proposta são preliminarmente esclarecedores da necessidade de intervenção governamental.

Finalizando, conquistada essa reivindicação, a agenda de ações não se esgota. Encontra-se em andamento: auditoria sobre resultados das pesquisas efetuadas na cultura; estudos de viabilidade de implantação de solubilizadora de chá na região e redução da alíquota do ICMS incidente sobre a pequena parcela de chá preto brasileiro comercializada no mercado interno.